

DO DIÁRIO DE UM PEQUENO BURGUÊS

Luís Gonzaga Vieira

1963

Vontade de escrever alguma coisa que não seja alguma coisa. E essa tristeza esquisita de não estar satisfeito com nada, pensar que a única consolação do gesto é estar o gesto feito. Uma situação primária que englobasse tôdas as necessidades do homem e do animal, onde nada houvesse de reprimido e fôsse simples. A tristeza vem do instante, o que foi feito, o que se vai fazer, êste momento entre uma coisa e outra. A consolação de que o momento não passa de momento e é transição, e o modo como a pessoa olha o instante, o instante feito de tôda a história do mundo até êle e a história de um futuro quase improvável, sendo o instante assim, a pessoa que pensa sente vive, e a possibilidade estranha de realizar alguma coisa.

—::—

Um homem é insubstituível, mas ninguém faz falta.

—::—

A gente sabe que não vale a pena, no entanto faz tudo como se valesse. Aquêlê desejo que só se explica pela abstinência e que fica absurdo depois de saciado. Um corpo de

mulher que é lindo quando está vestido e que perde todo o encanto quando se revela.

—::—

E o mar que é azul, mas o mar não é azul, o mar é espelho, o céu é que é azul, e mesmo o céu não é azul, a gente é que chama o céu de azul porque a gente vê assim. Mas a gente não pode definir uma coisa com os olhos, porque as coisas não são o que os olhos vêem.

—::—

As coisas mortas são lindas. As coisas que escrevo serão lindas, se forem póstumas.

—::—

Uma coisa boa para um indivíduo nem sempre é aconselhável para um grupo de indivíduos. Mesmo assim, um grupo de indivíduos está sempre disposto a ditar normas para um indivíduo isolado.

—::—

Não se chama uma pessoa de inteligente, há outros modos de insultar uma pessoa!

—::—

Coleciono angústia como quem fabrica flôres artificiais.

—::—

Há muita coisa bonita na vida, a gente é que não sabe ver. Pelo menos êste é um pensamento de instante, o mais reduzido instante possível. A tarde, por exemplo, lá entre cinco e seis horas, tôda aquela tranqüilidade, isso tudo que é belo sem fazer alarde e que fica mais bonito por ser simples. A única tristeza que a tarde oferece é o irremediável, uma coisa que a gente olha, ama e depois passa. Muito bom poder

passar a tarde assim, como um condenado que se despede. A gente fica alegre, um modo meio triste de ficar alegre.

—::—

Dormir profundamente para esquecer profundamente.

1964

Amor é coisa estúpida quando o homem feio ama a mulher feia, porque isso é um atentado contra a estética. Se a mulher e o homem são lindos, ainda passa. Mesmo assim a estupidez do amor permanece, falo agora em estupidez do corpo, a entrega de um corpo a outro, entrega necessária mas estúpida. E isso que chamados “amor de espírito”, a convivência com a mulher, as idéias, o apoio “moral”, a fuga da solidão, tôdas essas coisas. Amor é estúpido porque sou orgulhoso e tenho vaidade imensa, a estupidez está em mim e não está no amor. Porque amor não se define, o orgulho é que define o amor. Ou então, o egoísmo.

Não amo você, mas você existe e me provoca um sentimento, e êste sentimento é que eu amo, eu amo meu amor por você mais do que amo você (exatamente como queria Clarice Lispector) ou talvez ame unicamente o meu amor e não ame mais nada.

—::—

Quando bebo, tôdas as pessoas ficam amigas e tôdas as mulheres ficam lindas. E eu não tenho rosto quando bebo, apenas uma angústia de risos, movimentos, alegria ou chôro. Porque minha alegria na bebida é uma angústia desgraçada, como se a bebida avivasse o sentimento de angústia e tristeza dentro de mim.

—::—

Estava escrito: “Quem lê, tem os olhos abertos”. Leio muito. Mas de que me adianta ter os olhos abertos? Olhos abertos para quem? para quê? São pensamentos que tenho

nas minhas horas de pessimismo e depressão, ou aquilo que os amigos chamam (com encantadora ironia) de “crises filosóficas”.

—::—

Quando escrevo, quando leio, quando compro livros, quando estudo, penso em Sísifo. Tudo é absurdo, mas nem por isso vou ficar com os braços cruzados. É absurdo não ficar com os braços cruzados, é absurdo ficar com os braços cruzados. Absurdo não é coerência porque coerência é absurdo. O absurdo começa com essas palavras: “não obstante”. Mas absurdo não começa, seria absurdo. E se existe absurdo, não há uma coerência existencial, porque existência é tudo o que há de coerente. Porque coerência é absurdo (como foi dito) e existência é absurdo. Assim como o todo que é coerente, embora as partes dêsse todo não o sejam. (É evidente que, no final, tudo se reduz ao absurdo). A linguagem comum é a existência e não, as palavras. Em última análise, existência é amor. (E amor é absurdo). Mas, se falo em amor, é porque os homens se matam, sempre se mataram. Porque, se amo, não falo. Amor não precisa de palavras para ser, embora use palavras para ludibriar. E se abuso de palavras, é porque há deficiência.

—::—

Uma das “qualidades” do animal que raciocina é chamar a atenção dos semelhantes para si mesmo, saber que eu existo porque os outros me observam.

—::—

Fora de Belo Horizonte não há salvação, quero dizer com isso que amo profundamente minha terra, quero dizer que a salvação está no amor e em Belo Horizonte. Estou alegre, até onde é possível uma pessoa triste estar alegre e só.

—::—

Não gosto de impor minha presença aos outros nem gosto que os outros me imponham a presença dêles.

—::—

A mulher não merece que eu me preocupe com ela, nem eu mereço que mulher alguma se preocupe comigo. Isto pode ser uma desculpa para o meu isolamento.

—::—

O vento está em tôda parte (quando venta) e eu sinto o vento mas não posso apontá-lo, sei que êle me acaricia e que meus ouvidos são instrumentos para fazê-lo cantar. O vento me toca e eu não posso tocar o vento, não posso raciociná-lo. Digo que o vento existe porque há meu corpo para garanti-lo. Mulher-vento.

—::—

Não se preocupe, meu amigo, pois há sempre um imbecil qualquer para elogiar o que você escreve!

—::—

E eis a grande descoberta: eu sou eu (os outros são os outros). Demorou 24 anos, mas valeu a pena. Ou não valeu. Não sei.

—::—

E saiba duma coisa, meu filho: Deus está sempre do lado de quem vence!

—::—

Em teoria escolhemos o amor, mas na prática escolhemos a Bomba.

—::—

Dispor de uma vida como quem dispõe de uma semente.

—::—

Pressenti, no edifício em construção, um tijolo que caiu na cabeça da menina. Poucos passos antes, e o tijolo teria caído em cima de mim. Os olhos da menina choravam sangue.

—::—

Sou livre para concordar com aquêles que me escravizam. Sou livre para escolher entre a fôrça e o fuzilamento.

—::—

Para haver amor é preciso geralmente que haja dois braços, duas pernas, dois olhos e os outros acessórios. Não se ama a qualidade moral de uma pessoa, assim, sem mais nem menos. É preciso que a qualidade moral seja sustentada por braços, pernas, dois olhos e outros acessórios. Como aquêlê sujeito que pediu a mão da môça em casamento, e a môça era aleijada.

—::—

Repito: uma pessoa só tem valor porque é frágil. Como um copo de cristal que merece todo cuidado.

—::—

Ninguém pode fazer nada por ninguém. Todo esforço é, no fundo, uma inutilidade. Só eu posso fazer alguma coisa por mim, ninguém mais, ninguém. Eu posso fazer tudo por mim, só eu. A amizade dos amigos é uma encenação. O amor das mulheres é uma encenação. Só eu posso utilizar a encenação dos outros, e ninguém pode me ajudar, ninguém. Estou mais isolado do que um pensamento nunca proferido. Minha mãe absolutamente não convive com as minhas idéias, no entanto ela chama isso de amor. Como se eu estivesse gritando gritando, e apenas com meu grito por companhia. E ninguém entende, não é possível que alguém entenda, ninguém pode fazer nada.

—::—

Sei que os outros existem, parece que sou o vazio entre êles. Tôdas as pessoas me rodeiam, e eu sou o espaço vazio que elas formam. Um corredor só tem sentido se há paredes, sou espécie de corredor vazio entre paredes escuras. Ouço vozes de pessoas como bruma que me envolvesse, e sinto que sou apenas um ente de razão, sou uma coisa que os outros raciocinam. As pessoas não me vêem pròpriamente, elas calculam a possível distância entre as outras pessoas, e eu sou essa distância entre uma pessoa e outra. Não adianta querer que o dia de hoje passe depressa, porque amanhã tudo será repetido. Sou repetição, naufrágio, revolta. Tudo, menos eu.

—::—

Eu me suporto satisfatòriamente.

—::—

Amanhã é outro dia. A imortalidade é hoje.

A verdade, a grande verdade é que não me interesso por nada, mesmo por aquelas coisas e pessoas por quem presumo interessar-me. Nada me importa realmente, nem a vida das pessoas nem o que acontece com elas. A única coisa que me interessa é olhar as pessoas e as coisas e a natureza, olhar a tarde e pensar que a vida é o instantâneo de uma tarde e mais nada. As pessoas sofrem, pois que sofram. Os ricos são ricos, pois que sejam ricos. E que todos sejam bem-aventurados, para maior estupidez do mundo. Porque não há solução possível.

1965

Já foi dito: o que faz com que um espelho seja espelho é a gente colocar-se diante dêle, porque espelho é uma coisa que reflete.

—::—

Somos todos filhos do mesmo Deus. Se eu me casasse com uma das filhas de Deus, cometeria incesto!

—::—

Nada mais natural que eu ame a meu próximo como a mim mesmo, pois eu sou o meu mais próximo. Só que meus braços não servem para abraçar o meu corpo (eu sou insuficiente), de forma que transfiro o meu abraço para a pessoa menos distante. Sou, como tôdas as pessoas sinceras, um sujeito terrivelmente honesto!

—::—

Minha irmã veio me dizer que o cantor americano morreu de câncer. Algum dia êles dirão: o Luís morreu. Quando eu morrer, alguns ficarão tristes, possivelmente outros ficarão alegres, a maioria ficará indiferente. E o mundo será o mesmo.

—::—

Você se movimenta para ter a ilusão de que houve um caminho percorrido.

—::—

A gente olha para os animais e pensa: êles são irracionais. E os animais parecem dizer-nos: êles não sabem o que fazer da razão.

—::—

Um colega de Banco, casado, sofredor e pinguço, disse que conhece os dois lados da vida: o mau e o péssimo.

—::—

Hoje à noite é o primeiro aniversário de minha sobrinha, e eu pretendo oferecer o espetáculo de mim mesmo para os parentes e amigos. Irei acompanhado de três grandes homens: Mussorgsky, Ravel e Lawrence Durrell. Tenho dívidas e não tenho dinheiro para pagar as dívidas, então ligo a radiola bem alto. Eu não cheguei a ser homem, sou um papel carbono disfarçado em gente, não tive coragem de dispor da minha vida. Que o mundo exploda, mas que eu viva e que não tenha medo de sofrer as conseqüências do meu gesto.

—::—

Eu tenho esperanças. E daí?

—::—

Amor é um gesto muito raro. Mas eles pensam que, casando, é porque houve amor. Amor é mais do que contato de epidermes e mais do que vontade de procriar. Amor é o desespero do último gesto (sem literatura) e a coragem de cometer um gesto desses. Amor não é segurança, mas equilíbrio. E sexo não é amor, é iniciação. Os filhos podem garantir o casamento, mas não garantem o amor. Amor são dois ângulos que não formam qualquer figura geométrica, mas que se subentendem. Egoísmo equilibrado pela razão. Com o tempo há o desgaste, e uma profunda amizade substituirá o amor.

—::—

Barba crescida e cabelos desarrumados, a tristeza aperta o peito e dá um negócio na garganta, os olhos sonolentos de melancolia. Providencio os trabalhos de aula e chego em casa: o cobrador veio te procurar aqui e disse que ia lá no Banco. Sapatos sujos de poeira, camisa fedendo. Fumar pouco para gastar menos. Amanhã é feriado e eu queria sumir, porque não tenho coragem para suicídio. Conjugo o coração com a garganta, as mãos tremem, escrevo outra merda, e compro "O Som e a Fúria" de Faulkner. Ficar parado, como se nada tivesse acontecido antes e nada fôsse acontecer depois, agora, dêsse jeito de agora. Mas *tudo* me espera lá na cidade e eu caminho apodrecido, sem que ninguém desconfie. A cabeça dói, os olhos coçam. Amanhã é um modo de consolar-me, minha barriga roncando de fome. FIZERAM COM QUE EU NASCESSE.

—::—

Hoje você tem 29 anos e muita melancolia. Os homens estão sofrendo e as mulheres parindo. Dor de cabeça e dor de tristeza. Um dia como qualquer outro. Ser isto ou aquilo, fazer isto ou aquilo. Como se eu caminhasse no lodo e os movimentos só servissem para me afundar. Pensamento e ação. Eu "devo" ser o que penso-faço. Recebo cumprimentos bêstas

e agradeço a besteira. Tortura de pensar o que a gente pensa e viver como a gente vive. Alguns anos-luz entre mim e o resto do mundo. Faz frio.

—::—

Maura Lopes Cançado fala sôbre a santidade da loucura, que a eternidade é a loucura. Penso em morte o mais estôicamente possível, mas cheiro morte dentro do meu corpo. A vaidade atrapalha meu suicídio. Resolver isto ou aquilo, para depois morrer. Procurar amor, pedir amor, e ver os dias passando sempre do mesmo jeito. O desejo é mais rico que a realização.

—::—

A voz do locutor ressoa de noite com tristeza. Penso em certas ruas de Ouro Fino e Pouso Alegre, familiares porque vistas demais. Penso agora nas ruas de Belo Horizonte, ruas de uns bairros que me lembram cidades de interior. A entonação da voz do locutor dá melancolia porque soa triste. Essa vontade de confirmar a ternura dos homens e das coisas, mas reconhecer (nos fatos) que os homens se bombardeiam e se devoram. A Bomba Atômica é o nosso símbolo de amor, um amor horrivelmente civilizado. Todos falam em paz, como se paz fôsse uma entidade abstrata demais para ser conseguida. Anos e anos de vida humana sôbre a Terra, e isso nada significa diante do Tempo. Então os homens se refugiam na Eternidade, como cachorro medroso que enfia o rabo embaixo das pernas. Saber que o mundo é isto que vemos e sorrir com tristeza, por falta de gestos. Diz o mestre Millôr Fernandes: "Nossos corpos não foram feitos para a ambição de nossas almas". Título do filme francês que eu não assisti: "Une si longue absence!"

—::—

Tê falou em lugar comum. Mas que maior lugar comum do que a monotonia das coisas se repetindo? Lugar comum ou não, tudo dói do mesmo jeito.

—::—

Casamento não é impossível, é improvável.

—:—

Vazio no estômago e na cabeça, não sei explicar. Tudo isso de agora, falta de uma porção de coisas. Viver a vida, com dinheiro ou sem dinheiro. Coragem, meu amigo, coragem. Mais um passo, o abismo te espera, saiba fazer da queda um compasso de dança. Ninguém pode te entender, meu amigo, não é possível, você só pode contar com você mesmo e com a tua solidão. Não é agradável, mas é assim mesmo. Estou de férias, e isso já é alguma coisa.

—:—

O homem é eterno enquanto vive.

—:—

Cada homem tem o Deus que merece!

—:—

Sabia que, colocando algumas palavras no papel, as palavras implicavam uma porção de outras coisas e não era apenas acumular páginas, como fôra o costume dêle. Nem pensava procurar editor para as coisas que escrevia, porque êle não tinha nome nem era conhecido nem sabia das palavras que rabiscava. Ousado era o modo de êle viver todo dia, sem perspectivas. Sentado na mesinha lá dentro do quarto vermelho, ruminava como boi no campo mas sem a inconsciência do boi. Os dias se acumulavam dentro do quarto e principalmente na cidade de cimento. Os amigos eram introvertidos, como acontece com escritores e novatos, e justificavam a própria introversão. O mundo era uma bola implicada demais, precisava um pouco de paz de espírito para abranger o mundo. Discutiam sôbre autores e livros, mesmo sem qualquer vivência. Então um autor sofre palavras uma vida tôda e o primeiro escritorzinho de província diz que fulano é cretino e que não devia fazer isto ou aquilo. Eu é que sei o que devo fazer. Os críticos,

por melhores que sejam, são apenas críticos. Os críticos têm visão de críticos e não têm visão de autores, há uma delimitação que eles não reconhecem.

O poeta pega os discos e a radiola portátil e, antes, bebe uma garrafa de cerveja. Os três caminham na rua escura de Santo Antônio, os dois escritores que engatinham não nos telhados mas no asfalto mesmo. Todos são sinceros e todos sabem que não se faz nada com sinceridade. Henry, Luiz e Luís. A menina do Afonso Ávila fazia anos, Laís e Afonso ganharam prêmios da Prefeitura, comemoravam o aniversário da filha e o prêmio. A casa cheia de estantes, de livros e de palavras bem boladas ou, pelo menos, discutidas. Depois das dez horas, as crianças ficaram com os olhos vermelhos de sono, Henry levou a menina dêle pra casa, e os marmanjos bebiam e fumavam, porque todo homem bebe e fuma. Rui de Brasília e a mulher de Rui, mulher reclamando os ossos do corpo por ser magra e vestida de prêto. Laís rindo nos óculos míopes, como sempre. Wanda, com seu lado humano e ganhando livros de presente. Myrtes, que lançara nôvo ou primeiro livro "Tempo de Fiar", mas eu não me fio nêle embora o elogio dos autores que gostam de elogios. Minha crítica pouco valeria, porque não sou autor consagrado, certamente ela acharia graça na minha crítica e não me levaria a sério. A bandeja de salgadinhos e de cerveja e de vódica e de uísque, as músicas de bossa-nova e velha, a nona de Beethoven. Elmo, Márcio Sampaio, todos implicados com palavras, poetas e escritores. Eu disse para o Afonso e para a Laís que mandaria a minha novela pra êles, que êles criticassem o meu troço que eu chamo de novela por causa do tamanho, mas que ainda não acabei de passar a limpo.

Uma simples coisa que a gente escreve tem implicações. Por que se escreve, pra que se escreve, como se escreve, pra que tanto esforço a trôco de praticamente nada. As pessoas na sala conversavam como escritores, todos êles haviam publicado alguma coisa em algum lugar, e todos êles levavam a sério a brincadeira. Eu pensava publicar as minhas coisas para sentir o meu nome na carcassa dos outros, pra receber elogios, pra ver as críticas, ler as cartas dos fanáticos e dos tarados,

e principalmente das mocinhas românticas, e também dos literatos engajados no papel mas alienados na vida. Fazia-se questão de escrever uma literatura participante, embora a vida do sujeito fôsse uma alienação nojenta. Participação era mais coisa de papel e de livros do que de existência, não havia relação entre a vida do escritor e a literatura que êle fazia.

Cheguei em casa às três da madrugada.

1966

Eu sou meu juiz e absolvo-me de todos os pecados.

—::—

Eu só frequênto as pessoas que me frequêntam. (Sartre? Não, sou eu mesmo).

—::—

Feia, manca e empregada doméstica. Minha irmã mudou pra Viçosa e ela ficou sem emprêgo e sem casa pra morar. Pediu pra dormir em casa até arranjar outro emprêgo. Não tem família, e as freiras não tinham mais lugar lá no Educandário. Não tem onde cair morta, não tem ninguém e, mesmo em minha casa, é como se ela não existisse.

—::—

O conceito não é unívoco, a realidade é "unívoca". Mas, para dizer a realidade, apelamos para o conceito. Então o conceito distorce a realidade.

—::—

O mundo não é inteligível? ou só é inteligível até certo ponto? De um modo ou de outro podemos ocupar-nos do homem, como queria Camus.

—::—

Imortalidade é um estado psicológico.

—::—

O homem tem sido concebido à imagem e semelhança das idéias.

—::—

Deus é uma contradição das teorias lógicas, um esforço para estabelecer um princípio — ilógico.

—::—

Morente fala na filosofia pueril, que é perceber e sentir por tôda parte, admirar-se de tudo, essa insaciável curiosidade! Fala na clássica humildade de Sto. Tomás, o que é engraçado. Pois, como é que um padre não teria essa clássica humildade de aceitar as Revelação? Como padre, é forçoso recebê-la. “Submeter a razão às exigências do objeto” — mas não há supremacia da razão! Morente fala na filosofia de Sto. Tomás como filosofia sem preconceitos, mas fala na *autoridade* da ciência teológica, sendo que autoridade já é um pré-conceito. Se o raciocínio filosófico refuta um artigo de fé, o raciocínio está errado: isto é o que Morente chama de filosofia *aberta*. E ainda fala na *mútua independência* entre razão e fé!

—::—

Ela gosta do que eu penso, não do que eu sou. Ela vive em função de mim e não vive em função da vida dela. Ela é o que eu quero, não é ela. Ela se acomoda, e eu detesto espíritos acomodados. Entre nós dois há afinidades, mas não há amor. Ela “sofre” a sociedade e a educação que recebeu, e não cria coisas por ela mesma. A vida dela é quase que uma “aurea mediocritas” — e os espíritos mornos me causam vômito. Eu acredito na completa igualdade e independência entre homens e mulheres, mas ela não tem coragem de dispor da própria vida. Eu quero mulher e não quero fantoche, mas a tendência dela é mais para fantoche. Ela precisa de muito esforço para ser mulher, porque o mundo dos machos bitolou a capacidade da mulher. Então eu encontro nela uma cortesã ocasional, em vez de encontrar uma companheira.

—::—

O absoluto é uma derivação da contingência, ou por outra, o absoluto está dentro da contingência e não ultrapassa a contingência, quer dizer, o absoluto é um aspecto da contingência.

—::—

O corpo não é aquilo que a alma esperava! (e vice-versa).

—::—

Tôda guerra é um maniqueísmo. (Sartre)

—::—

A môça é linda no vídeo. Antes das 6 horas da tarde ela aparece, as crianças gritam e gesticulam ao redor dela, a môça pergunta o nome da menina e passa desenhos animados feitos na Matriz (USA). Os olhos parecem esverdeados, verde escuro. Acaricia os meninos, canta parabéns-para-você, e fala como se não estivesse na frente da câmara. Os meninos são pequenos e não acreditam na beleza da môça, mas a môça acredita nos meninos. O gesto da mão separa os cabelos caindo na testa, como se acariciasse o próprio rosto. Os lábios sempre rindo, os dentes compunham melhor o rosto. As pernas mais finas que grossas, magra e simpática, o rosto ameaçando um buraquinho que não apareceu. O colar deslisava no pescoço, com indiferença, porque a môça é que enfeitava o colar, que coloria o vestido. O sorriso dela era beijo pra meninos grandes. E o menino grande sonhava com a môça no vídeo, não porque estivesse apaixonado mas porque êle era um poeta que se espantava diante da beleza da môça. Sonhava com ela não para possui-la mas para extasiar-se, como quem fica lírico vendo a tarde. A môça fica sentada, a mesinha com papéis brancos, e a televisão registrando môça e meninos. Ela diz, para o menino grande, que é engraçado trabalhar na televisão, que ela vai embora depois do programa, janta, e depois vai namorar um pouco. Quando ela passa, êles sabem que ela trabalha na televisão, e ela continua rindo pro namorado, e o namorado sabe que ela gosta de crianças. Sem tristeza, o menino grande vê

a môça, e a môça jamais poderá ver o menino grande na poltrona, sem dinheiro, sem emprêgo, sem disposição, e esperando a empregada pôr a comida na mesa. A môça tem a vida dela e o menino grande sabe disso. Mas o menino grande também tem a vida dêle e a môça não sabe nem é provável que venha saber. O que importa na môça da tevê de brinquedo é ela aparecer, desaparecer, extasiar o menino, fazê-lo sonhar, assim como a tarde sonha com a noite. O rosto da môça está no vídeo, e o menino grande tem apenas dois olhos para ver a imagem dela. Porque a môça é sòmente a imagem dela, e o menino grande não pode amar uma imagem, não pode tocar na imagem, só pode imaginá-la. O menino grande aperta o botãozinho da televisão e a môça desaparece. Êle senta na mesa, janta, lê um pouco, depois dorme. No outro dia, às 6 horas da manhã, a mãe acorda o menino grande e êle vai estudar. Encontra môças na Faculdade, conversa com elas, pensa em amor, e continua sonhando com imagens. Êle é um menino de 30 anos, como se a cidade fôsse um território desconhecido.

—::—

Minha mãe me deu o que há de bom na família, mas também me encharcou com tudo o que há de mal.

“Hoje sei muito bem que nada na vida repugna tanto ao homem do que seguir pelo caminho que o conduz a si mesmo”.

—::—

Viver em contradição talvez seja a única coerência possível.

!—::—

O sujeito pode escrever uma coisa ousada, mas que não seja tão ousada a ponto de espantar os mediocres. O que se escreve com muita ousadia só é aprovado muitos e muitos anos depois. Veja-se, por exemplo, o caso de “Ulisses”, de Joyce, ou “O Amante de Lady Chatterley”, ou “Trópico do Câncer” e outros. Agora, quando o sujeito é ousado mas não muito, então é fácil ser aprovado, porque não constringe nin-

guém e porque não ameaça o lugar de ninguém. E, quando o sujeito é tradicional, então engole-se aquilo sem nenhum constrangimento. Em qualquer sentido a obra pode ser válida, mas falamos aqui de ousadia (na forma interior e exterior), e ousadia é um fato que ultrapassa essa tradição morna que faz a gente vomitar. E principalmente, ninguém quer ter o trabalho de pensar, ninguém quer construir a obra junto com o autor, querem a coisa já feita, mastigada, digerida.

—::—

É engraçado ver uma criança andar pela primeira vez. Ela desconfia que pode andar sòzinha, então se equilibra pela sala. À medida que cresce, ela continua se equilibrando pela vida. Depois perde o equilíbrio e morre, como todo mundo.

—::—

Falo de liberdade quando há propaganda subliminar.

—::—

Tenho uma verdadeira antipatia por honestidade mas, como tenho sido burguês, convivo com ela.

—::—

A compreensão que tenho da tristeza me põe alegre (a compreensão que tenho da alegria me põe triste).

—::—

Que se quer de um touro senão que reproduza? Então, meus amigos, multiplicai-vos!

—::—

Não há lugar no mundo.